

Grandes não intervêm e dólar tem novo recorde de queda

■ Moeda tem a mais baixa cotação do pós-guerra face ao iene

LONDRES — Deixado à deriva pelos bancos centrais das grandes potências, o dólar continuou em queda livre nesta segunda-feira, com uma corrida dos especuladores e cambistas para tentar vender a moeda. Foi registrado novo recorde de baixa de todo o pós-guerra em relação ao iene (97,33 contra 98,08 na sexta-feira) e os piores índices em relação à libra nos últimos 13 meses (1,5642 dólar para 1 libra, contra 1,548 na sexta) e ao marco nos últimos 20 (1,540, sete e meio pfennige abaixo da cotação do dia 8).

Autoridades do Grupo dos 7 (EUA, Japão, Alemanha, França, Grã-Bretanha, Itália e Canadá) reuniram-se em Nápoles no final de semana, mas não tomaram qualquer decisão para deter a queda da moeda americana. O secretário do Tesouro dos EUA, Lloyd Bentsen, disse que seu país quer um dólar forte e que o G7 agiria quando julgasse adequado.

O vice-primeiro-ministro japonês Yohei Kono afirmou que uma desvalorização continuada do dólar não é desejável nem se justifica. O problema das cotações dólar/iene,

que afeta seriamente a economia japonesa, seriamente dependente das exportações, é exclusivamente da alçada dos EUA e do Japão, disse o representante alemão, garantindo que as relações dólar/marco não preocupam.

Operadores de câmbio e negociantes europeus ficaram surpresos com a falta de decisão do G7 em defesa do dólar. "Ainda acho que tem alguma coisa por trás disso", disse o diretor de um banco de Munique. A última intervenção conjunta, em 24 de junho, só freou a queda do dólar temporariamente.